



FLÁVIO JOSEFO E A VITA

MILENA ROSA ARAÚJO OGAWA¹; CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – ogawa_milena@hotmail.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – carol.kesser@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte do doutoramento, “Domícia Longina (53-130 d.C.), a imperatriz consorte da dinastia flaviana” desenvolvida desde abril de 2019, na Universidade Federal de Pelotas, na linha *Imagens: entre iconografia, cultura visual e intermidialidade*, no Programa de Pós-Graduação em História, com financiamento CAPES, orientada pela historiadora e arqueóloga Profa. Dra. Carolina Kesser Barcellos Dias e coorientada durante o estágio no exterior, pelo PhD em História Antiga, Prof. Dr. Carlos Augusto Ribeiro Machado.

O texto em questão aborda parte do capítulo metodológico, isto é, mostra o processo de conhecimento e as definições das escolhas das fontes em específico, de *Vita*, escrita por Flávio Josefo. A documentação literária do estudo da tese envolve sete obras literárias, escritas por sete autores, que mencionaram Domícia, a saber: Os Césares, de Aurélio Vitor, *História de Roma*, de Dião Cássio, *Vita*, de Flávio Josefo, Sátiras de Juvenal, *Epigramas*, de Marcial, *História Secreta*, de Procópio e *A vida dos doze Césares*, de Suetônio.

2. METODOLOGIA

Nas obras literárias produzidas durante os períodos republicano e imperial romanos, são descritas diversas áreas de atuação das figuras femininas e masculinas. Proponho apontar algumas questões amplas da vida e obra do autor através de seus próprios escritos até a inserção da personagem principal em sua obra.

Flávio Josefo (*Yosef Ben Mattitiahou ha Cohen - Iósepos Matthión país*) nasceu em Jerusalém por volta de 37 d.C., no principado de Calígula (Joseph. Vit. 5). As principais informações sobre a sua vida estão registradas em suas obras, em especial na *Vita*, e nos registros de Suetônio e de Eusébio de Cesareia. Judeu com ascendência influente e prestigiosa, era filho de Matthias (Joseph. Vit. 7), sendo pertencente a um grupo sacerdotal denominado kohanim, os “responsáveis por guardar a Lei e por liderar uma nação atrelada ao acordo com YHWH” (DEGAN, 2013, p. 254). Pelo lado materno, descendia da realeza dos Asmoneus ou asamoneus (Joseph. Vit. 1-2).

A ação enfática de descrever suas origens familiares, além de uma prática judaica, busca demonstrar o pertencimento a uma linhagem e a uma comunidade, e a legitimação de si e de sua obra (DEGAN, 2012, p. 124; PENA, 2012, p. 42). Sua formação educacional é minuciosamente detalhada desde a tenra idade, ressaltando seu status intelectual (OLIVEIRA, 2016, p. 14); inclusive, Josefo certifica-se de salientar que sua memória sempre lhe favoreceu (Joseph. Vit. 8-9). As obras joséficas são relatos do que o autor observou, e que os exercícios de memorização, segundo Margarita Sepúlveda (1994, p. 99), eram parte fundamental da educação religiosa da época, pois os judeus deveriam decorar as partes do Pentateuco, formado pelos cinco primeiros livros da Torá.

Joabson Pena (2012, p. 43) afirma que aos treze anos, pela tradição rabínica, o judeu já responde por seus atos e possui responsabilidades legais, devendo ter conhecimento das leis divinas e sendo reconhecido em seu grupo como adulto. Aos quatorze anos, Josefo afirma ter se destacado nos estudos e, aos dezesseis, se



dedicado ao conhecimento das três *hairesis*¹: a dos fariseus, a dos saduceus e a dos essênios (Joseph. Vit. 9-10). A opção pelo aprimoramento das três correntes demonstra uma busca pela “verdade ou simplesmente [para] se preparar para a vida pública” (PENA, 2012, p. 44).

Entre 63-64 d.C., aos 26 anos, Josefo foi para Roma com uma delegação de aproximadamente 600 homens, com o propósito de persuadir Nero a libertar seus amigos sacerdotes, presos por Marco Antônio Félix, um procurador da Judéia. No caminho, seu navio naufragou no mar Adriático. Após o resgate e com o auxílio de Alítiro, um ator judeu estimado do *princeps*, alcançou uma audiência com Popéia Sabina, esposa do imperador, que concedeu liberdade aos sacerdotes e todos retornaram para casa (Joseph. Vit. 13-16). Nesse momento, é perceptível que Josefo demonstra-se um “importante mediador na libertação dos sacerdotes” (PENA, 2012, p. 46) e, constata-se a interferência de uma mulher em uma questão público-jurídica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto político-social entre judeus e romanos encontrava-se comprometido, sendo que a tensão era ocasionada pela carga tributária elevadíssima. Josefo, então, ousou interferir para apaziguar os rebeldes, argumentando sobre a inexperiência bélica de seu povo, o que foi insuficiente para pacificar os ânimos, e as primeiras revoltas eclodiram. Ele tornou-se diplomata e comandante na Guerra na Galileia (66-70 d.C.) (Joseph. Vit. 17-406) e, posteriormente, dirigente militar, uma prática romana comum que pretendia cooptar membros da aristocracia local para torná-los aliados romanos (DEGAN, 2013, p. 150).

Prisioneiro dos romanos por dois anos e meio, entre 67 e 69 d.C. (Joseph. Vit. 418-419), Josefo utilizou de sua posição política e de seu status religioso para sobreviver. Enquanto cativo, profetizou a Vespasiano, durante o governo de Nero, que este um dia seria imperador (Joseph. BJ 3. 400-2). Sua previsão (*óneiroi*) indicava não apenas uma revelação, mas o ligava ao divino, pois teria a autoridade como “porta voz de Deus”, legitimada por sua linhagem sacerdotal (OLIVEIRA, 2016, p. 42-43; PENA, 2012, p. 48).

Josefo foi libertado durante o principado de Vespasiano, após a Guerra Civil de 69 d.C., tornando-se cliente dos Flávios e ocupando uma posição privilegiada perto dos imperadores. Honrado de inúmeras formas, desde a indicação de uma esposa (Joseph. Vit. 414) até a obtenção da cidadania e o direito à casa e à pensão (Joseph. Vit. 423 e 425), teve inclusive seus acusadores condenados (Joseph. Vit. 425).

Ao tornar-se cidadão, adquiriu os *tria nomina*, isto é, em homenagem ao seu patrono, *Titus Flavius Vespasiano*, passou a ser chamado de *Titus Flavius Josephus* (PENA, 2012, p. 50). Durante os principados de Tito e de Domiciano, permaneceu sendo estimado com mais benefícios. Ademais, Domícia foi referida como sua benfeitora (Joseph. Vit. 429)

Quando Domiciano sucedeu a Tito, ele aumentou a estima tida por mim. Castigou judeus que haviam me acusado e ordenou que fosse castigado um escravo eunuco, tutor de meu filho, que havia testemunhado contra mim. Ele também me outorgou a isenção fiscal das minhas terras na Judeia, é por certo uma grande honra recebida.

¹ Pode ser interpretado como escola filosófica ou seita religiosa (DEGAN, 2012, p. 137). Conforme Pena, o termo também poderia ser traduzido por heresia, sem o sentido pejorativo, sendo uma “escolha, opção, escola filosófica ou religiosa” (PENA, 2012, p. 44).



Domicia, esposa de César, continuou me beneficiando de diversas maneiras² (Joseph. Vit, 429, tradução de Bruno Oliveira, 2016, p. 63).

Em 71 d.C., Josefo passou a morar em Roma e iniciou sua escrita como historiador e apologista, atividades que duraram por quase trinta anos. Sendo patrocinado pelos Flávios e situado na capital do império, relatou fatos presenciados e teve acesso à documentação oficial romana (PENA, 2012, p. 51-52). Segundo Eusébio de Cesareia (Hist. eccl. 9. 2), Josefo era respeitado entre judeus e romanos, transitando entre os dois espaços, sendo legitimado por sua nobreza real e sacerdotal entre os judeus, além de ser cliente dos imperadores de Roma. Ademais, foi agraciado com uma estátua construída em sua homenagem, que não chegou ao tempo presente, e um busto lhe foi atribuído.

A primeira obra, *Bellum Judaicum*, é dividida em sete e aborda a revolta dos Macabeus (168 a.C.), liderada por Matatias e os filhos de Judas - Jônatas e Simão - até o final do governo dos Flávios. Escrita em aramaico e traduzida para o grego durante o governo de Vespasiano, Guerra dos Judeus foi publicada, possivelmente, entre 75-79 d.C., no principado de Tito. É caracterizada como uma obra propagandística aos Flávios, para legitimar o poder da dinastia (OLIVEIRA, 2016, p. 12; PENA, 2012, p. 52 e 57-58).

A segunda fonte, *Antiquitates Judaicae*, escrita em grego, provavelmente entre 94-99 d.C., foi publicada perto do ano 100 d.C. e dedicada a Epafroditas, o possível patrono de Josefo (OLIVEIRA, 2016, p. 12). A obra explana a origem do mundo, na visão dos hebreus, até a guerra dos judeus contra os romanos em 66 d.C. (DEGAN, 2012, p. 135; PENA, 2012, p. 60-61).

Acredita-se que a terceira obra, *Vita*, seja um "apêndice de obras anteriores" (OLIVEIRA, 2016, p. 90). Escrita em um tomo único e com setenta e seis capítulos, retratando questões de sua vida pública e militar (DEGAN, 2012, p. 135). Publicada em 94 d.C., descreve a Guerra e seus dois movimentos ao lado dos judeus, e posteriormente ao lado dos romanos (OLIVEIRA, 2016, p. 12).

A quarta obra, *Contra Apionem*, foi escrita em dois tomos entre 75-98 d.C. e publicada por volta de 96-100 d.C. Conforme Eusébio de Cesaréia (Hist. Eccl. 9. 4), Apião foi um gramático que teria escrito um tratado contra os judeus, e essa obra teria sido a resposta de Josefo contra as acusações, demonstrando a nobreza e a superioridade dos judeus e de sua cultura. Contra Apião é visto como apologético a seu povo (DEGAN, 2013, p. 15; RODRIGUES, 2000, p. 208).

Alex Degan (2012, p. 136) afirma que as obras joséficas se "equilibraram entre defesas apaixonadas do judaísmo, negociações entre sua cultura dominada e a realidade imperial romana, condenações e apontamentos de culpados pela desgraça de Israel e a incômoda tarefa de sua defesa pessoal". Hoje, os trabalhos de Josefo são utilizados por historiadores, arqueólogos, estudiosos das Letras e da Bíblia e pesquisadores do Cristianismo (OLIVEIRA, 2016, p. 12; RODRIGUES, 2000, p. 201; VAN HENTEN, 2018, p. 122), e destacam-se como uma importante - talvez única - fonte para determinados assuntos.

Conforme Degan (2012, p. 133 e 136), Josefo tentava se defender das acusações de traição a seu povo e das desconfianças dos romanos. Em sua escrita, ele justificava que tentara resgatar mais de cinquenta judeus, incluindo até

² διαδεξάμενος δὲ Τίτον Δομετιανὸς καὶ προσηγένησεν τὰς εἰς ἐμὲ τιμάς: τούς τε γὰρ κατηγορήσαντάς μου Ἰουδαίους ἐκόλασεν καὶ δοῦλον εὐνοῦχον παιδαγωγὸν τοῦ παιδός μου κατηγορήσαντα κολασθῆναι προσέταξεν, ἐμοὶ δὲ τῆς ἐν Ἰουδαίᾳ χώρας ἀτέλειαν ἔδωκεν, ἥπερ ἐστὶ μεγίστη τιμὴ τῷ λαβόντι. καὶ πολλὰ δ' ἡ τοῦ Καίσαρος γυνὴ Δομετία διετέλεσεν εὐεργετοῦσά με. (Joseph. Vit, 429).



a liberdade de seu irmão, pois todos os seus pedidos eram atendidos por Tito (Joseph. Vit. 418-419).

Entre as incertezas sobre seu posicionamento, é possível assegurar que Josefo recebeu de Tito e de Agripa, rei dos judeus, a permissão de publicar a sua obra (Joseph. Vit. 363-367). Com isso, ganhou a legitimidade de seus relatos, recebendo elogios por ser preciso e por relatar testemunhos verdadeiros. O autor faleceu em Roma, entre o governo de Domiciano e o início da próxima dinastia, provavelmente no ano 100 d.C. (PENA, 2012, p. 49-51).

Josefo foi casado quatro vezes, formando uniões que possuem caráter religioso, político e econômico (OLIVEIRA, 2016). A respeito da primeira esposa, sabemos apenas que ela provavelmente faleceu durante a Guerra (Joseph. BJ. 419); a segunda, descrita como uma cativa de guerra indicada por Vespasiano a Josefo, faleceu precocemente (Joseph. Vit. 414-415); Josefo conheceu a terceira em Alexandria (Joseph. Vit. 415) e com ela teve três filhos: Hircano, Justo e Agripa (Joseph. Vit. 5), mas divorciou-se (Joseph. Vit. 426). Por fim, casou-se com sua quarta esposa, uma judia de linhagem nobre com quem teve dois filhos, Justo, o Maior, e Simónides (nome de origem grega), também conhecido por Agripa. Segundo ele, a última esposa tinha um caráter superior às demais (Joseph. Vit. 426).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra joséfica, existe a notória importância de três mulheres: Popéia, que concedeu a liberdade de seus amigos sacerdotes em uma questão jurídica, fornecendo “conexões sociais e políticas” (OLIVEIRA, 2016, p. 80); Berenice, concubina de Tito, tão relevante a Josefo que o nome de seu primogênito, Hircano, é uma homenagem ao filho da rainha judia (OLIVEIRA, 2016, p. 110); e Domícia, que demonstra ter influência política e financeira sobre o autor. Ao descrever sua vida privada, Josefo não chega a mencionar nem mesmo os nomes de sua mãe ou esposas como informações relevantes em sua obra. No entanto, os nomes dessas três mulheres ligadas ao poder imperial são destacados pelo autor, aproveitando-se do seu capital político para reforçar que foi reconhecido dentro da domus Caesaris.

5. REFERÊNCIAS

a) Fontes

JOSEPHUS. **The life.** Against Apion. Harvard University Press - Loeb Classical Library, 1997.

b) Referências Bibliográficas

DEGAN, Alex. A polêmica entre Yosef ben Mattitiahou ha-Cohen e Titus Flavius Josephus. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 123-140, jul./dez. 2012.

_____. **Judaísmo em suspensão: o judaísmo de Flávio Josefo.** 2013. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 292f.

OLIVEIRA, Bruno P. **O General Judeu e o Cidadão Romano:** O Discurso de Construção de Flávio Josefo em Vita (Século I d.C.). 2016. 145f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

PENA, Joabson Xavier. **As duas faces de Jerusalém em Flávio Josefo.** 2012. 143f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

SEPULVEDA, Margatita R. de. Traducción y notas de Autobiografía. In.: FLAVIO JOSEFO. **Autobiografía.** Contra Apión. Madri: Editorial Gredos, 1994, p. 99-172.